

ENTRE A LUZ E A ESCURIDÃO: AUTORITARISMO, VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO

BETWEEN LIGHT AND DARKNESS: AUTHORITARIANISM, VIOLENCE, MEMORY, AND RESISTANCE IN JOSÉ SARAMAGO'S ESSAY ON BLINDNESS

ENTRE LA LUZ Y LA OSCURIDAD: AUTORITARISMO, VIOLENCIA, MEMORIA Y RESISTENCIA EN EL ENSAYO SOBRE LA CEGUERA DE JOSÉ SARAMAGO

Raimundo Nonato Duarte Corrêa¹, Cristiane Araújo Rapeti²

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4448

Recibido: 03/02/2026 | Aceptado: 05/02/2026 | Publicación en línea: 13/02/2026.

RESUMO

O artigo analisa a obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, sob uma perspectiva interdisciplinar, com foco na crítica ao autoritarismo, à violência, à memória coletiva e à alienação. A cegueira, tanto literal quanto simbólica, é interpretada como metáfora da perda de visão crítica, moral e política. Os autores utilizam como base teórica os conceitos de Hannah Arendt, especialmente sobre o autoritarismo e o totalitarismo; Walter Benjamin, com sua distinção entre violência fundadora e violência conservadora da ordem; Jacques Le Goff, em sua discussão sobre memória histórica; Theodor Adorno, em suas reflexões sobre alienação cultural e crítica à modernidade; e Jaime Ginzburg, sobre a relação entre dor coletiva e memória histórica. O estudo investiga como a narrativa transcende o campo literário para se consolidar como uma crítica às estruturas de poder e à desumanização em tempos de crise. Um dos objetivos centrais é interpretar a personagem da mulher do médico como um símbolo de resistência, memória e humanidade. Além disso, o artigo destaca as estratégias linguísticas e estilísticas de Saramago, como a ausência de pontuação convencional e a fusão entre voz narrativa e discurso direto, que intensificam a imersão do leitor no caos da narrativa. Por meio dessa abordagem, a obra de Saramago é apresentada como uma reflexão sobre a fragilidade da civilização e a condição humana diante da opressão.

Palavras-chave: Autoritarismo. Violência. Memória Coletiva. Alienação.

ABSTRACT

This article analyzes *Blindness* (*Ensaio sobre a Cegueira*) by José Saramago through an interdisciplinary approach, focusing on the critique of authoritarianism, violence, collective memory, and alienation. Blindness, both literal and symbolic, is interpreted as a metaphor for the

¹ Mestre em Letras, área de concentração: Linguagens e Letramento e Linha de atuação: Estudos Literários, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: duarte1312@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6205-3023>

² Mestre em Ensino de Línguas, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: crisaraujo701@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9633-9014>

loss of critical, moral, and political vision. The theoretical framework includes Hannah Arendt's reflections on authoritarianism and totalitarianism; Walter Benjamin's distinction between founding and preserving violence; Jacques Le Goff's concepts of historical memory; Theodor Adorno's critique of modernity and cultural alienation; and Jaime Ginzburg's analysis of collective pain and historical memory. The study explores how the narrative extends beyond the literary domain to serve as a critique of power structures and dehumanization during crises. Central to this analysis is the figure of the doctor's wife, a symbol of resistance, memory, and humanity. Additionally, the article highlights Saramago's linguistic and stylistic strategies, such as the absence of conventional punctuation and the fusion of narrative voice and direct speech, which deepen the reader's immersion into the chaos of the story. Through this lens, Saramago's work emerges as a profound reflection on the fragility of civilization and the human condition under oppression.

Keywords: Authoritarianism. Violence. Collective Memory. Alienation.

RESUMEN

Este artículo analiza la novela **Cegueira** de José Saramago desde una perspectiva interdisciplinaria, centrándose en su crítica al autoritarismo, la violencia, la memoria colectiva y la alienación. La ceguera, tanto literal como simbólica, se interpreta como una metáfora de la pérdida de la visión crítica, moral y política. Los autores utilizan como base teórica los conceptos de Hannah Arendt, especialmente sobre autoritarismo y totalitarismo; Walter Benjamin, con su distinción entre violencia fundadora y violencia conservadora del orden; Jacques Le Goff, en su discusión sobre la memoria histórica; Theodor Adorno, en sus reflexiones sobre la alienación cultural y la crítica de la modernidad; y Jaime Ginzburg, sobre la relación entre el dolor colectivo y la memoria histórica. El estudio investiga cómo la narrativa trasciende el ámbito literario para consolidarse como una crítica a las estructuras de poder y la deshumanización en tiempos de crisis. Uno de los objetivos centrales es interpretar el personaje de la esposa del médico como un símbolo de resistencia, memoria y humanidad. Además, el artículo destaca las estrategias lingüísticas y estilísticas de Saramago, como la ausencia de puntuación convencional y la fusión entre la voz narrativa y el discurso directo, que intensifican la inmersión del lector en el caos de la narrativa. A través de este enfoque, la obra de Saramago se presenta como una reflexión sobre la fragilidad de la civilización y la condición humana frente a la opresión.

Palabras Clave: Autoritarismo. Violencia. Memoria Colectiva. Alienación.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Publicado em 1995, *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago é uma das obras mais provocativas da literatura contemporânea, ambientada em uma cidade não nomeada que, subitamente, é assolada por uma epidemia de cegueira branca. A narrativa, carregada de

simbolismo, vai além da limitação sensorial para apresentar uma cegueira moral, social e política, evidenciando a alienação humana e o colapso das estruturas civilizatórias. Nesse cenário distópico, a perda da visão assume papel metafórico e serve como denúncia das fragilidades do tecido social diante da barbárie e do autoritarismo.

A sociedade retratada por Saramago é levada ao extremo, e o governo responde com repressão e isolamento, expondo o caráter autoritário já presente em sua estrutura. O romance levanta questões fundamentais sobre a natureza humana, a memória, a violência e a desumanização quando as referências éticas desaparecem. A personagem da mulher do médico, única a preservar a visão, emerge como símbolo de resistência, memória e esperança, ao mesmo tempo em que revela a solidão e o fardo de ver em um mundo de cegos.

Diante disso, a presente pesquisa propõe responder à seguinte questão de pesquisa: de que forma a metáfora da cegueira, em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, opera como crítica às estruturas de poder, à alienação e à perda da humanidade em contexto de colapso social?

A justificativa para este estudo reside na relevância da obra enquanto instrumento de reflexão crítica sobre a condição humana e os mecanismos que sustentam a opressão, especialmente em contexto de crise. Ao investigar as camadas simbólicas e ético-políticas da narrativa, busca-se não apenas aprofundar a compreensão do romance, mas também ampliar sua interlocução com teorias filosóficas e sociais contemporâneas, como de Hannah Arendt e Walter Benjamin.

De forma específica e mensurável, este trabalho tem como objetivo: analisar a construção da metáfora da cegueira enquanto crítica à alienação e à opressão; investigar como o autor representa as estruturas de poder e sua degradação durante a crise social; explorar o papel da memória, da linguagem e da mulher do médico como elemento de resistência ética e simbólica; relacionar os temas centrais do romance como conceitos teóricos de Arendt e Benjamin, contextualizando-os no campo da crítica social e política contemporânea.

O AUTORITARISMO E A CONSTRUÇÃO DO PODER NO CONTEXTO DE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

A obra *Ensaio sobre a cegueira* não apenas narra a história de um desastre social e físico, mas também oferece uma crítica incisiva à dinâmica de poder que emerge em tempos de crise. Como já abordado, o autoritarismo é um dos pilares da narrativa, e sua análise sob a perspectiva

da filósofa política Hannah Arendt revela a profundidade da crítica de Saramago às estruturas de poder e controle. Em sua obra *Os Origens do Totalitarismo* (1951), Arendt argumenta que, em regimes totalitários, o poder não é mais uma função da legalidade ou da legitimidade democrática, mas uma imposição física e psicossocial que se fundamenta na destruição da autonomia individual. A cegueira coletiva, ao obscurecer a capacidade de raciocínio crítico e de percepção do real, elimina as condições necessárias para a manifestação da liberdade e da subjetividade.

Saramago, ao criar um cenário onde a cegueira não é apenas física, mas também simbólica, possibilita uma reflexão crítica sobre as relações de poder que se reconfiguram na ausência da visão. A construção autoritária no romance é progressiva e totalitária, uma vez que o governo, incapaz de lidar com a crise, decide isolar os cegos em campos de concentração, seguindo a lógica da exclusão e da repressão. O confinamento dos cegos, sob a justificativa de “salvaguardar a ordem”, revela uma lógica arendtiana de exceção, onde a normalidade social cede lugar a um estado de exceção, no qual a liberdade dos indivíduos é suprimida em nome da segurança pública.

No campo de concentração improvisado, as condições de vida deterioram-se rapidamente, e as relações de poder se tornam mais explícitas. A autoridade é imposta de maneira brutal, e surge a figura do “capitão”, um líder que exerce sua força sobre os outros cegos, impelindo-os a seguir suas ordens sob pena de punições severas. O capitão, uma figura de tirania, representa a materialização do autoritarismo, não só por sua violência explícita, mas pela maneira como utiliza a vulnerabilidade dos outros como ferramenta de controle. A alienação que surge da cegueira, nesse contexto, alimenta a fragilidade da resistência à opressão, já que a falta de visão impede os indivíduos de perceberem as dinâmicas de poder que se instauram. Isso é perceptível na passagem que segue: “*Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam as mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres*” (SARAMAGO, 1995, p. 165).

A reflexão de Arendt sobre a desintegração da esfera pública e da política como espaço de deliberação e participação encontra eco nesta estrutura autoritária, na qual os indivíduos se tornam incapazes de agir como sujeitos políticos e se veem forçados a adotar uma postura submissa ao poder dominante. O autoritarismo em *Ensaio sobre a cegueira* não é apenas uma resposta à cegueira física, mas também uma consequência das estruturas de poder que, quando desprovidas de fiscalização e de um sistema de justiça, revelam a tendência humana ao autoritarismo em situações extremas. Isso ocorre, por exemplo, no seguinte trecho: “*Dentro da camarata, o poder instalara-se de armas na mão. Quem as tem pode perder os olhos, que*

continuará a mandar" (SARAMAGO, 1995, p. 172).

Outro aspecto importante a ser destacado na obra é a questão da violência, como força tanto destrutiva quanto potencialmente redentora, é outro elemento central em *Ensaio sobre a cegueira*. O romance de Saramago se configura como uma análise aprofundada dos mecanismos de violência que sustentam as estruturas sociais, e Walter Benjamin oferece uma lente fundamental para compreender essas dinâmicas. Em *Para uma Crítica da Violência* (1921), Benjamin propõe uma distinção entre a violência que cria a lei e a violência que é exercida dentro de uma estrutura legal existente. No contexto de *Ensaio sobre a cegueira*, a violência inaugural, que se manifesta por meio do isolamento dos cegos e da criação de uma nova ordem, cria uma nova "Lei", fundamentada na coação e na força bruta. Esta violência fundacional, como Benjamin sugere, é paradoxal, pois ela instaura uma nova ordem ao destruir a anterior, mas sem qualquer fundamento moral ou ético, o que a torna igualmente destrutiva e opressiva.

O autoritarismo que se estabelece no campo de concentração improvisado é sustentado pela violência física e psicológica. Benjamin, ao abordar a relação entre violência e lei, propõe que, em contextos de ruptura, a violência não só destrói, mas também estabelece uma nova forma de "Lei". No caso de Saramago, a violência estabelece uma nova forma de governo, na qual as relações sociais são reconfiguradas pela força, e a dignidade humana é constantemente violada. No entanto, essa violência não é apenas imposta pelo poder estatal; ela também é internalizada pelos próprios indivíduos. A violência emerge como um mecanismo de sobrevivência, uma resposta à pressão de um sistema que desumaniza e destitui os sujeitos de seus direitos.

O sociólogo François Dubet (2006, p. 12) destaca a complexidade de definir a violência, pois ela não pode ser simplesmente mensurada, uma vez que está intimamente ligada à forma como é vivenciada em determinado grupo, interação e contexto social. Por essa razão, qualquer tentativa de definição da violência tende a ser insuficiente. Se for muito ampla, ela acaba por diluir o conceito, e se for restrita demais, corre o risco de estigmatizar comportamentos de maneira ilegítima, como aponta Dubet. No entanto, ao abordarmos o tema da violência, é necessário refletir sobre as distintas formas como ele é tratado por diferentes autores, especialmente quando aplicado à análise do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995). No livro, observa-se a organização dos cegos no espaço do campo de quarentena, onde, inicialmente, o governo divide o local entre as alas dos cegos e dos contaminados. Posteriormente, através de uma mensagem no autofalante, é solicitado que cada grupo escolha um representante. Na ala onde se encontra o médico, é a jovem da qual ele cuida, conhecida como "rapariga dos

óculos escuros", quem o indica como líder.

O melhor seria que o senhor doutor ficasse de responsável, sempre é médico, um médico para que serve, sem olhos nem remédios, Mas tem a autoridade. A mulher do médico sorriu, acho que deverias aceitar, se os outros estiverem de acordo (SARAMAGO, 1995, p. 53).

O título de médico carrega, culturalmente, a associação com uma posição de autoridade. Dessa forma, com a concordância de todos, o médico é escolhido como o representante da sua camarata. Em contraste, na camarata três, onde está o cego armado com uma pistola, ele se autoproclama líder e exerce um poder tirânico, impondo violência sobre os outros. A dinâmica dessa camarata reflete uma estrutura de governo autoritário e imperialista, pois inicialmente os indivíduos que se opõem às decisões tomadas pelos cegos líderes são expulsos. Além disso, esses cegos tirânicos expandem seu controle para as demais camaratas, monopolizando a alimentação, que já era escassa, e subjugando todos os internos do manicômio.

Então, a mulher do médico, aterrorizada, viu um dos cegos quadrilheiros tirar do bolso uma pistola e levá-la bruscamente ao ar. O disparo fez soltar-se do teto uma grande placa de estuque que foi cair sobre as cabeças desprevenidas, aumentando o pânico. O cego gritou, Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem. Os cegos não se mexeram. O da pistola continuou, está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora buscá-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga (SARAMAGO, 1995, p. 140).

Nas outras camaratas, os representantes ficam responsáveis por coletar todos os objetos de valor dos internos, que seriam trocados por pratos de comida. No entanto, quando esses itens se esgotam, os cegos da terceira camarata recorrem à violência sexual como forma de negociação.

Ocorre, neste momento, o apogeu dessa violência que é evidenciado pela maneira como o "capitão" e seus seguidores exercem seu domínio sobre os outros cegos. Eles constituem um regime de violência que, embora sem legitimidade moral, é aceito como a única forma de garantir a sobrevivência. No entanto, como Benjamin alerta, a violência que sustenta a nova ordem não é uma violência redentora, mas uma violência que perpetua a opressão e a subordinação. A tentativa de Benjamin de distinguir entre violência fundada na lei e violência fora da lei se revela particularmente útil para compreender a dinâmica de poder que Saramago delineia, pois, a violência que emerge no campo de concentração é ao mesmo tempo desprovida de justiça e, paradoxalmente, é aceita como uma nova forma de ordem social.

A resistência que emerge em alguns personagens, como a mulher do médico, é uma resposta a essa violência. Ela, embora incapaz de impedir a violência instaurada, se torna um símbolo de resistência moral, pois mantém viva a memória da humanidade e do cuidado com o outro, sendo assim uma figura de resistência não só à violência física, mas à desumanização imposta pela cegueira. Como podemos perceber no trecho: "*Penso que não ficamos cegos, penso que estamos cegos. Cegos que veem, cegos que, vendo, não veem*" (SARAMAGO, 1995, p. 57).

A mulher do médico faz essa reflexão ao perceber que, embora os personagens estejam fisicamente cegos, a cegueira simbólica e moral, ou seja, a incapacidade de perceber a realidade e a verdadeira natureza das coisas, é um mal que atinge todos os indivíduos, não apenas os que perderam a visão. Ela utiliza essas palavras para apontar a cegueira mais profunda que afeta a humanidade no romance, uma cegueira que vai além da perda sensorial e se refere à falta de consciência e empatia entre as pessoas. Esse momento é crucial para a construção da personagem, pois ela se torna uma espécie de consciência moral no meio do caos, mantendo viva a memória da humanidade e do cuidado com o outro.

Além disso, outro importante aspecto a considerar na obra em análise é a questão da memória e do esquecimento, fundamental para a compreensão de *Ensaio sobre a cegueira*, é tratada de maneira profunda na obra de Saramago. A cegueira, ao eliminar a visão física e simbólica, impõe um estado de amnésia coletiva que ameaça a continuidade da memória histórica e cultural. Jacques Le Goff, em suas obras sobre memória, como *A História e Memória* (1988), argumenta que a memória histórica é essencial para a construção da identidade coletiva, e que a perda dessa memória pode resultar em uma desconstrução das bases sociais e culturais que sustentam a identidade de uma comunidade. Segundo o autor: "A memória histórica é essencial para a construção da identidade coletiva, e a perda dessa memória pode resultar em uma desconstrução das bases sociais e culturais que sustentam a identidade de uma comunidade" (Le Goff, 1988).

Dessa forma, em *Ensaio sobre a cegueira*, o esquecimento parece ser uma consequência direta da cegueira, uma vez que a perda da visão física é acompanhada por uma perda da memória do mundo anterior. A personagem da mulher do médico, que permanece com a visão, assume o papel de guardiã da memória. Ela se torna a única que tem acesso à lembrança do mundo anterior à cegueira, sendo capaz de narrar o que aconteceu e de recordar as relações sociais que haviam sido destruídas pelo caos. A memória, portanto, se apresenta como um ponto de resistência à destruição da identidade coletiva, pois é através dela que a humanidade pode se preservar.

O esquecimento, por outro lado, é uma das principais consequências da cegueira. Sem a capacidade de se lembrar, os cegos não conseguem reconstruir suas próprias histórias ou a história da sociedade à qual pertencem. Essa amnésia coletiva funciona como uma estratégia de controle, em que as forças externas se aproveitam da incapacidade de recordar para reescrever a história à sua maneira, consolidando a dominação e a subordinação.

A relação entre memória e identidade em *Ensaio sobre a cegueira* é uma das questões centrais que José Saramago explora ao longo da obra. A memória, tanto individual quanto coletiva, assume um papel fundamental na resistência contra a desumanização imposta pela cegueira, e sua preservação é simbolizada principalmente pela personagem da mulher do médico. Ela, a única pessoa a não ser afetada pela cegueira, torna-se não apenas uma testemunha da catástrofe que acomete a sociedade, mas também uma guardiã da memória e, por isso, da humanidade.

A cegueira que atinge a população no romance vai além da perda física da visão, pois se estende a uma cegueira moral e social, refletida pela incapacidade das pessoas de enxergarem o outro em sua totalidade e complexidade. Sem memória, sem o passado que lhes dá sentido e contexto, os indivíduos se tornam alienados de sua própria humanidade e da coletividade à qual pertencem. Nesse cenário, a memória desempenha um papel crucial como um elo que mantém a conexão com a moralidade, com as normas que definem o que é certo e o que é errado, e com a capacidade de resistir à desintegração da identidade coletiva.

A mulher do médico, ao preservar sua visão e sua memória, é a única capaz de recordar o mundo anterior à epidemia da cegueira e de transmitir esse conhecimento aos outros. Ela é a resistência contra o esquecimento, contra a perda de um referencial ético e social. Em uma das passagens mais significativas da obra, ela se torna um farol moral em meio ao caos, ao lembrar aos outros cegos sobre as virtudes da solidariedade e do cuidado com o outro. A sua memória não é apenas a de um mundo físico, mas uma memória ética, que resgata valores essenciais para a reconstrução da sociedade.

Ao mesmo tempo, sua figura simboliza a luta pela preservação da identidade, pois é através da memória que as pessoas conseguem se reconectar com a história e com as origens daquilo que as define como seres humanos. Sem memória, a identidade se dissolve, e a sociedade perde seu referencial. Quando a mulher do médico se torna a memória viva, ela personifica a resistência à desumanização imposta pela cegueira, mostrando que a preservação do que é humano não se dá apenas pela sobrevivência física, mas pela manutenção dos laços emocionais,

das relações de respeito e da compreensão mútua.

A memória, portanto, não é apenas um recurso narrativo em Saramago, mas uma chave para entender a reconstrução da identidade em um momento de crise. Em *Ensaio sobre a cegueira*, a preservação da memória representa o esforço para resgatar a humanidade perdida, resistindo à alienação e ao autoritarismo que se instalam quando a visão, tanto literal quanto figurada, é apagada. A mulher do médico, com sua visão e sua memória, encarna essa resistência, sendo o ponto de conexão entre o mundo que se desintegra e a possibilidade de uma reconstrução que preserve o que há de essencialmente humano.

Por outro lado, a cegueira mencionada no romance de Saramago não pode ser entendida apenas como um fenômeno físico, mas também como uma metáfora profunda da alienação, um conceito central na teoria crítica e na filosofia existencialista. A alienação, como discutido por filósofos como Karl Marx, Georg Lukács e Theodor Adorno, envolve a perda da capacidade do indivíduo de compreender de maneira crítica o mundo ao seu redor e a separação do indivíduo de sua própria essência e da comunidade. A cegueira se estende para além da simples perda de visão, representando uma desconexão radical dos sujeitos com as estruturas sociais, políticas e morais que regem suas vidas. Em vez de simples vítimas de uma epidemia, os cegos são retratados como indivíduos alienados, desconectados de sua própria humanidade e das forças que controlam suas existências.

Em uma análise marxista, a alienação ocorre quando o ser humano perde o controle sobre sua própria vida e as condições materiais que a sustentam. Marx, em sua obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), define a alienação como o processo pelo qual o ser humano se vê despojado da sua essência, tornando-se uma peça passiva dentro de um sistema econômico que não compreende e não controla. No contexto da obra, isso se reflete na maneira como os cegos, uma vez privados de sua capacidade de ver e de interagir com o mundo de forma crítica, tornam-se sujeitos passivos de um regime opressor, onde suas ações e suas vidas são controladas por forças externas. A cegueira física, portanto, é uma extensão da alienação social e política que já existe nas estruturas que governam a sociedade. A falta de visão literal torna-se uma metáfora para a incapacidade de perceber as forças estruturais que dominam as relações sociais e econômicas, levando os indivíduos a uma total alienação de si mesmos e de sua própria agência.

Georg Lukács, em sua obra *História e Consciência de Classe* (1923), também discute a alienação como um fenômeno relacionado à falta de autoconsciência histórica. Para Lukács, a alienação não é apenas uma desconexão do indivíduo com seu trabalho, mas também uma

desconexão com sua própria história e com os processos sociais que moldam sua vida. No contexto da narrativa, a alienação dos cegos pode ser lida como a perda da capacidade de entender as dinâmicas de poder e as estruturas sociais que determinam suas vidas. O isolamento imposto pelos governantes, que respondem à crise da cegueira com medidas autoritárias, é um exemplo claro de como a alienação impede que os indivíduos reconheçam sua opressão e, como resultado, se tornam incapazes de lutar contra ela. A cegueira, assim, não é apenas um reflexo da perda da visão, mas uma representação do processo pelo qual as pessoas se tornam distantes das relações sociais que moldam seu destino e suas ações.

Além disso, Theodor Adorno, em *Dialética da Iluminação* (1944), aborda a alienação a partir de uma perspectiva filosófica e cultural, argumentando que, na modernidade, as pessoas se tornam alienadas não apenas em relação à sua própria essência, mas também em relação à própria cultura e à razão. Adorno vê a alienação como um processo que atinge tanto a percepção do indivíduo quanto sua capacidade de agir de maneira ética e reflexiva dentro da sociedade. A cegueira em *Ensaio sobre a cegueira* pode ser vista como uma metáfora para a alienação de tipo *adorniana*, em que os indivíduos são incapazes de refletir criticamente sobre o estado da sociedade e sobre suas próprias ações. A sociedade no romance de Saramago é caracterizada pela falta de reflexão, pela ação impulsiva e pela busca desesperada pela sobrevivência, sem qualquer consideração moral ou ética. A cegueira de todos, exceto da mulher do médico, pode ser vista como um reflexo da incapacidade das pessoas de compreenderem a complexidade das relações sociais e políticas que moldam suas vidas.

A resistência à alienação, então, é um tema crucial no livro, pois a mulher do médico é a única personagem que preserva a visão, mas essa visão não é apenas física; ela representa também a preservação da memória e da subjetividade, duas características essenciais para a resistência contra a alienação. A mulher do médico não é uma mera espectadora da catástrofe, mas sim uma figura que mantém sua consciência crítica diante do caos. Ela observa e reflete sobre os eventos ao seu redor, enquanto os outros cegos, perdidos em sua alienação, não conseguem compreender a gravidade de sua situação. Sua resistência não é apenas uma luta pela sobrevivência física, mas também uma luta pela preservação de valores fundamentais, como a solidariedade, a memória e a humanidade. Ela mantém sua capacidade de ver, mas também mantém sua capacidade de refletir sobre o que está acontecendo, sendo uma das poucas personagens capazes de manter a conexão com o mundo exterior e com os outros.

Essa resistência à alienação é fundamental para a reconstrução da identidade coletiva, que

é outra questão central no romance. Sem a preservação da memória e da subjetividade, a sociedade dos cegos se desintegra, tornando-se uma sociedade desumanizada, regida pela violência e pela exploração. A mulher do médico, ao contrário, se torna um símbolo da resistência à desumanização. Ela representa a luta para recuperar a capacidade de ver e compreender o mundo, e sua preservação da memória é um ponto de resistência contra o colapso moral e social. Sua visão, tanto literal quanto figurada, é uma ferramenta que permite a ela questionar e resistir ao sistema autoritário que se instala no campo de quarentena. Ela se torna, assim, uma das poucas figuras que consegue romper com a alienação e ajudar a reconstruir uma narrativa coletiva que se baseia na empatia e na solidariedade.

No entanto, a resistência de Saramago à alienação não é absoluta. A narrativa deixa claro que a cegueira e a alienação não são fenômenos fáceis de superar, e que o mundo pós-catarata continua a ser marcado por tensões e dificuldades. A mulher do médico, mesmo sendo a única a preservar a visão, se vê isolada e incapaz de mudar completamente a dinâmica do grupo. Sua resistência é simbólica, mas limitada pela incapacidade dos outros de ver e refletir criticamente sobre sua própria condição.

A cegueira em *Ensaio sobre a cegueira* é, portanto, uma metáfora poderosa para a alienação, tanto em um nível pessoal quanto social. Ela revela como as condições sociais e políticas podem despojar os indivíduos de sua capacidade de agir de forma reflexiva e ética, tornando-os objetos passivos diante das forças que controlam suas vidas. A resistência à alienação, simbolizada pela mulher do médico, é um esforço contínuo para preservar a humanidade e a memória, elementos essenciais para a reconstrução da identidade coletiva e da luta contra a desumanização. Ao tratar da cegueira como uma metáfora da alienação, Saramago nos convida a refletir sobre a nossa própria capacidade de ver o mundo de maneira crítica e sobre a importância de manter nossa subjetividade e memória em tempos de crise.

Jaime Ginzburg, em sua obra *A Escrita e a Memória* (1999), desenvolve uma análise da relação entre a linguagem e a memória histórica, especialmente no que diz respeito ao registro de experiências extremas, como a dor coletiva e a violência sistêmica. Ginzburg propõe que, quando a história é marcada por traumas profundos, a representação literária dessas experiências não pode se limitar a um simples relato factual ou linear. Pelo contrário, a linguagem, para ser eficaz na transmissão do sofrimento e da dor, deve se ajustar à complexidade e à ambiguidade desses eventos. Ele argumenta que, quando a dor se torna coletiva, a memória histórica também se torna fragmentada e desafiada pela incapacidade de contar a história de maneira plena e objetiva.

No caso de *Ensaio sobre a cegueira*, a dor e o sofrimento, embora sejam compartilhados por todos os personagens, não são representados de forma monolítica ou homogênea. O sofrimento dos cegos é intensificado pela forma como a sociedade ao redor deles reage ao caos, e a narrativa não oferece uma visão simples ou direta da dor. A experiência da cegueira e da privação não é apenas física, mas existencial, o que obriga a narrativa a se desviar das convenções e a experimentar formas alternativas de expressão. Ginzburg vê a literatura como um meio para tentar reconstruir as camadas de dor que a história tenta apagar ou esquecer. Em *Ensaio sobre a cegueira*, a escrita de Saramago, com sua abordagem não convencional e desestruturada, torna-se uma tentativa de restaurar essas camadas de dor e de memória, apesar da impossibilidade de totalizar ou de dar um fechamento definitivo à narrativa.

A dor, em Saramago, não é meramente um elemento emocional ou psicológico; ela se transforma em um ponto de ruptura com a ordem estabelecida. A perda de visão torna-se uma metáfora para o desaparecimento da visão crítica da sociedade, o que se traduz em uma amnésia coletiva, onde a capacidade de refletir sobre o que está acontecendo é dificultada. Ginzburg aponta que, quando as memórias do sofrimento coletivo se tornam difusas ou inarticuladas, o discurso da dor se dissolve na falta de formas adequadas para comunicá-la. A memória histórica, portanto, se perde em um campo de indeterminação, como no caso da cegueira imposta aos personagens, que não podem mais acessar a realidade que os cerca.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, Ginzburg vê a representação da dor como uma tentativa de construir uma memória coletiva que desafie o esquecimento e a simplificação da experiência histórica. A narrativa de Saramago se posiciona contra a tendência a reduzir a dor a uma série de estereótipos ou imagens prontas, fornecendo uma representação literária que não resolve a dor, mas a explora nas suas ambiguidades e complexidades. Saramago faz uso de uma linguagem que, como Ginzburg sugere, busca restaurar as vozes silenciadas, criando uma memória coletiva que, embora fragmentada, resiste à perda total de sentido.

A relação entre forma e conteúdo em *Ensaio sobre a cegueira* é particularmente relevante quando se pensa na maneira como a dor e o sofrimento são apresentados na obra. A escolha de uma narrativa sem uma estrutura rígida de pontuação ou divisão clara entre as falas dos personagens tem o efeito de dissolver a distinção entre sujeito e objeto, entre o narrador e os personagens. Essa forma não convencional serve para representar o caos e a dissonância interna que caracterizam a experiência da cegueira e da dor.

Além disso, Saramago utiliza a repetição e a dilatação temporal como estratégias de

representação do sofrimento. As mesmas situações de violência, desespero e desolação se repetem em diferentes momentos, como se o tempo da cegueira fosse um tempo circular e interminável. Esse uso da repetição reforça a ideia de que a dor e o sofrimento não têm fim, não podem ser resolvidos e não se dissipam, mas se perpetuam como parte da experiência humana. A forma narrativa, ao refletir essa repetição, intensifica a imersão do leitor na experiência da dor, tornando-a quase tangível, mas sem jamais alcançar a totalização ou o fechamento.

Portanto, o conteúdo da dor, ao ser transportado para a forma narrativa, revela a impossibilidade de se comunicar plenamente a experiência do sofrimento. O discurso da dor, conforme discutido por Ginzburg, é sempre incompleto, sempre fragmentado, e a forma de Saramago, com sua ausência de pontuação e sua escrita fluida, revela essa incompletude de maneira visceral, permitindo que o leitor experimente, ao mesmo tempo, o sofrimento e a impossibilidade de compreendê-lo completamente.

METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem teórico-analítica e caráter interdisciplinar. O objetivo central foi investigar, por meio da análise literária e filosófica, as representações simbólicas do autoritarismo, da violência, da memória coletiva e da alienação na obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

A seleção do corpus se deu de forma intencional, escolhendo-se a referida obra por sua riqueza temática e potencial crítico diante de crises ético-políticas contemporâneas. A análise textual priorizou trechos significativos do romance, articulando-os com conceitos desenvolvidos por autores como Hannah Arendt, Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Theodor Adorno, Georg Lukács e Jaime Ginzburg, entre outros.

Os métodos de análise adotados incluíram a hermenêutica filosófica e a crítica literária, permitindo a interpretação simbólica e discursiva dos elementos narrativos em articulação com marcos teóricos da filosofia política, da teoria crítica e da historiografia da memória. A leitura das obras secundárias foi guiada pela busca de ressonâncias conceituais com a narrativa de Saramago, favorecendo um diálogo entre literatura e pensamento social.

Por se tratar de uma pesquisa teórica e interpretativa, não houve coleta de dados empíricos ou aplicação de instrumentos formais juntos a sujeitos humanos. Entretanto, foram respeitados os preceitos éticos da integridade acadêmica, com rigor na fundamentação das referências e na

finalidade à obra analisada.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a ausência de uma abordagem empírica ou comparativa com outro contexto históricos ou obras literárias, o que restringe o escopo da generalização dos achados. Além disso, a ênfase em autores da tradição europeia limita a abertura a perspectiva decolonial ou afro-latino-americanas.

Apesar dessas limitações, a metodologia adotada proporciona uma base sólida e transparente para a replicabilidade da análise, bem como para o aprofundamento das reflexões sobre o papel da literatura na crítica às formas de dominação e à perda da humanidade em tempos de crise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise interdisciplinar da obra *Ensaio sobre a cegueira* permitiu identificar quatro núcleos temáticos fundamentais que estruturam a crítica de Saramago: o autoritarismo, a violência, a memória coletiva e a alienação. Com base nas reflexões de Hannah Arendt, Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Theodor Adorno e Jaime Ginzburg, os resultados revelam como a cegueira física se constitui como metáfora para uma cegueira ética, política e histórica, afetando profundamente a constituição da subjetividade e das estruturas sociais.

Foram observados, principalmente: a construção de um regime autoritário no campo de quarentena, representado pelo “capitão” e pela medida governamentais repressoras; a manifestação de diferentes formas de violência (física, simbólica e sexual) como instrumento de controle e sobrevivência; a mulher do médico como figura de resistência, memória e lucidez moral; a fragmentação da identidade coletiva e a dissolução da ética em contexto de alienação e trauma.

Os resultados obtidos dialogam fortemente com as abordagens teóricas que embasam a pesquisa. Arendt (2002) contribui para a compreensão do autoritarismo presente na obra como uma estrutura que se sustenta na negação da individualidade e da deliberação coletiva. a descrição do governo de insolar os cegos, e a lógica da repressão que daí decorre, reflete a transformação da exceção em regra, onde a liberdade é suprimida sob o pretexto da ordem.

Benjamin (2010) é fundamental para entender como a violência em Saramago não apenas rompe com a lei, mas instaura novas formas de organização baseada na coerção. O campo de quarentena configura uma nova ordem, fundada na violência inaugural e mantida por prática que

desumanizam os indivíduos.

Le Goff (1988) e Ginzburg (1999, 2006) permitem refletir sobre a memória como elemento de resistência diante da memória coletiva instaurada pela cegueira. A mulher do médico, que preserva a visão e, portanto, a lembrança do mundo anterior, encarna a possibilidade de reconstrução da identidade ética e humana.

Por fim, as contribuições de Adorno e Lukács são cruciais para discutir a alienação enquanto perda de sentido, de historicidade e de agência. O afastamento dos personagens de sua consciência crítica evidencia uma sociedade que não reconhece mais os fundamentos de sua opressão, o que aprofunda a desumanização coletiva.

Embora a análise tenha abordado amplamente os aspectos filosóficos e sociais da obra, sua ênfase foi predominantemente teórica e textual. A ausência de dados empíricos ou comparações com contextos históricos específicos limita a aplicação prática imediata dos achados. Além disso, a escolha por um enfoque centrado em autores da tradição europeia pode restringir o diálogo com outras matrizes teóricas (como a decolonial ou a afro-latino-americana).

Futuro estudos podem ampliar o espaço dessa análise ao: investigar recepções da obra de Saramago em diferentes contextos socioculturais; realizar uma leitura comparativa com outras distopias literárias; explorar abordagens interseccionais (gênero, raça, classe) na análise dos personagens e das dinâmicas de poder; examinar as implicações da linguagem e da forma narrativa na recepção estética e ética do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise de *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, foi possível perceber como a obra aborda questões fundamentais como o autoritarismo, a violência, a memória e a dor, ao mesmo tempo em que oferece uma reflexão profunda sobre a condição humana e as limitações da percepção da realidade. Saramago propõe, através de uma linguagem fluida e sem convenções narrativas tradicionais, uma experiência literária imersiva que transporta o leitor para um universo marcado pela desumanização e pelo colapso das estruturas sociais e individuais. A cegueira, que afeta toda uma população, não é apenas uma falha sensorial, mas uma metáfora de uma cegueira moral e política, uma incapacidade de perceber a violência estrutural e as relações de poder que moldam a sociedade. O autor não se limita a tratar da cegueira como um fenômeno físico, mas como uma crise existencial e social que desmantela a capacidade de compreender e

interpretar o mundo ao redor, expondo a fragilidade das certezas humanas.

A escolha estilística de Saramago, com frases longas e complexas, a ausência de pontuação convencional e a fusão entre as falas dos personagens e a voz narrativa, não se configura como um mero recurso estético, mas uma estratégia que visa refletir a experiência de caos e desorientação vivida pelos personagens. Nesse contexto, a forma da narrativa e o conteúdo da obra estão indissociavelmente conectados. A linguagem, ao se distanciar de uma estrutura tradicional e linear, expressa a falta de sentido e a irracionalidade de um mundo em crise, onde as fronteiras entre o indivíduo e o coletivo se dissolvem. O leitor, assim, não apenas acompanha o sofrimento dos personagens, mas se vê imerso na própria confusão e na tentativa frustrada de encontrar significado em uma realidade que, cada vez mais, escapa à compreensão.

Esse estilo narrativo desconcertante pode ser interpretado como uma resposta direta à tentativa de totalização e representação integral da dor e do sofrimento humanos. A impossibilidade de representar a totalidade do sofrimento, como argumenta Georg Steiner, reflete as limitações da linguagem diante do trauma e da violência. Em *Ensaio sobre a cegueira*, a dor não se resolve em explicações simples ou conclusões fechadas; ela permanece fragmentada, indefinida, como uma memória coletiva que se reconfigura constantemente. Saramago, ao não oferecer uma narrativa fechada e sem uma resolução clara, reflete a própria natureza da dor e da violência, que não podem ser compreendidas de forma linear ou completa. O texto, assim, resiste a fechar a ferida, deixando-a aberta, como um testemunho da experiência vivida.

Esse caráter de indeterminação e resistência à totalização se liga diretamente à crítica que a obra faz ao autoritarismo e à violência. A cegueira coletiva, que leva à imposição de um regime totalitário e desumano, evidencia a dificuldade de percepção da alteridade e a negação da humanidade do outro. O Estado, ao tentar controlar a população com medidas extremas e desumanizantes, exemplifica como regimes autoritários são capazes de apagar a individualidade e a capacidade de reflexão crítica dos cidadãos. Nesse sentido, a obra de Saramago ecoa as reflexões de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal e a maneira como a violência, quando institucionalizada, transforma vítimas em cúmplices, perpetuando a desumanização. A representação da dor e do sofrimento, portanto, não é apenas um reflexo do colapso social causado pela cegueira, mas também um retrato da incapacidade do poder em lidar com a diferença e a alteridade, reafirmando a violência que sustenta as relações de poder.

O tratamento da memória coletiva e da dor em *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido à luz das teorias de Jaime Ginzburg, que argumenta que a dor coletiva, ao se tornar um trauma

compartilhado, exige uma reinterpretação constante e fragmentada da realidade. Em vez de uma narrativa objetiva e linear, Saramago opta por uma forma de escrita que reflete a impossibilidade de reconstruir o passado de maneira integral. A cegueira, como uma perda radical de significado, impede qualquer tentativa de restauração do normal, forçando os personagens a buscarem, em meio ao caos, novas formas de compreender e se relacionar com o sofrimento. Essa construção da memória, ao ser contínua e fragmentada, é uma representação do trauma coletivo, que não pode ser completamente curado ou compreendido, mas que, ao ser narrado, ganha uma forma de resistência silenciosa.

A estrutura narrativa de *Ensaio sobre a cegueira* também reflete essa impossibilidade de totalização e comunicação plena. A ausência de uma resolução definitiva, de um final claro, reforça a ideia de que a dor e o sofrimento não podem ser facilmente resolvidos ou explicados. A memória histórica, como nos lembra Jacques Le Goff, é constituída por múltiplas perspectivas e tempos, sendo fragmentada e contínua. A narrativa *saramaguiana*, ao não fechar a ferida, reflete essa concepção de memória que é, ao mesmo tempo, uma reconstrução constante do presente e uma tentativa de compreender o indizível. O que Saramago oferece, portanto, não é uma explicação ou uma solução, mas uma provocação: a literatura não resolve a dor, mas oferece uma via para a reflexão sobre ela, deixando a ferida aberta e visível, desafiando o leitor a confrontar suas próprias limitações ao tentar compreender o sofrimento humano.

Em última instância, a violência se manifesta e se reproduz nas relações de poder, tanto na narrativa de Saramago quanto na realidade social em que vivemos. Assim, compreender suas definições, tipologias e formas de representação é fundamental para abordar questões nos campos político, social e cultural. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, Saramago apresenta um mundo ficcional marcado por severas desigualdades sociais, instigando reflexões sobre os desafios que, como sociedade, ainda precisamos enfrentar e resolver.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora 34, 2010.

GINZBURG, Jaime. **A Escrita e a Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GINZBURG, Jaime. **A Memória do Outro: Ensaio sobre História e Literatura**. São Paulo:

Companhia das Letras, 2006.

STEINER, Georg. **A Linguagem e a Morte: A Destruição da Linguagem por Meio da Linguagem**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas: Ensaios de Interpretação Literária**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.